

**CADERNO DE DISCIPLINAS OPTATIVAS  
DO DEPARTAMENTO DE CINEMA E VÍDEO  
2018-2**

## **GCV00224 – Cinema e Televisão 1**

Sexta-feira, 14 às 18h.

Professores: Tunico Amâncio e Arthur Felipe Fiel

É objetivo desta disciplina proporcionar aos alunos o acesso à história e trajetória da produção audiovisual infantil tanto no cinema como na televisão do Brasil. A condução da disciplina levará em consideração o caráter histórico, político e econômico dessa produção através de uma análise de mercado. Serão abordados temas como os diálogos entre o conteúdo infantil no cinema e na televisão, o atual mercado, políticas públicas de incentivo à produção, linguagem e concepção de produtos para o público infantil e coisas afins. A disciplina se propõe como teórico-prática e em seu desenvolvimento os alunos terão a oportunidade de analisar e elaborar projetos audiovisuais destinados ao público infantil como método avaliativo.

É possível que tenhamos alguns convidados que atuam no mercado durante o curso.

## **GCV00210 – Estudos de História do Cinema Mundial I**

*Cinema e subalternidade*

Sextas, das 14 às 18 horas

Professores: Maurício de Bragança e Licia Maria de Silva Pinto

Ementa: Estudos Culturais, estudos pós-coloniais, teoria decolonial latinoamericana e as discussões sobre a subalternidade no cinema e audiovisual. Políticas de representação na imagem cinematográfica em torno das questões referentes à ideia de subalternidade, periferia e margem. Territórios e lugares identificados pelas tensões entre centro e periferia. Cinemas periféricos e a representação de personagens e grupos minoritários ligados a questões de gênero, étnico-raciais, sexualidades e classe social.

### **Bibliografia:**

AMANCIO, Tunico. O Brasil dos gringos: imagens no cinema. Niterói: Intertexto, 2000.

ANZALDÚA, Gloria. *Borderlands/La Frontera*. 2nd. Ed., San Francisco, Aunt Lute, 1999.

BHABHA, Homi K. A outra questão: o Estereótipo, a Discriminação e Discurso do Colonialismo. In: BHABHA, Homi K. O local da cultura. Belo Horizonte: EdUFMG, 1998.

BRAGANÇA, Mauricio de. Cartografias latino-americanas: fronteiras midiáticas de um continente em construção. Revista ECO-Pós, v. 14, n. 1, p.1-16, 2011. MORAÑA, Mabel. “El Boom del Subalterno”, *Revista de Crítica Cultural*, 15, novembro 1997.

DENNISON, Stephanie (org.). World Cinema: as novas cartografias do cinema mundial. Campinas, SP: Papirus, 2013.

FRANÇA, Andréa. Terras e fronteiras no cinema político contemporâneo. Rio de Janeiro: 7Letras, 2003.

FRANÇA, Andréa; LOPES, Denilson (orgs.). *Cinema, globalização e interculturalidade*. Chapecó, Santa Catarina: Argos, 2010.

HALL, Stuart. Cultura e representação. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; Apicuri, 2016.

MOREIRAS, Alberto. “Hegemonía y subalternidad” In MORAÑA, Mabel (ed.) *Nuevas perspectivas desde/sobre América Latina: el desafío de los estudios culturales*. 2ª.ed., Pittsburgh, University of Pittsburgh, 2002.

NÚÑEZ, Fabián R. M. Pensar o 'cinema moderno periférico': questionamentos teórico-historiográficos. *Contemporanea (UFBA. Online)*, v. 11, p. 427-445, 2013.

PRATT, Mary Louise. “Pós-Colonialidade: Projeto Incompleto ou Irrelevante?” In VÉS-CIO, Luiz Eugênio e SANTOS, Pedro Brum (orgs.). *Literatura & História*. Bauru, Edusc, 1999.

PRYSTHON, Angela. Stuart Hall, os estudos fílmicos e o cinema. *Matrizes (USP. Impresso)*, v. 10, p. 77, 2016.

\_\_\_\_\_. *Imagens periféricas: os Estudos Culturais e o terceiro cinema. ECompós (Brasília)*, v. 6, p. 1-14, 2006.

QUIJANO, Aníbal. “Colonialidad del poder y clasificación social” In *Journal of world-systems research*, vi, 2, summer/fall 2000, 342-386.

SHOHAT, Ella; STAM, Robert. *Crítica da imagem eurocêntrica: multiculturalismo e representação*. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

SHOHAT, Ella. Des-orientar Cleópatra: um tropo moderno da identidade. *cadernos pagu* (23), julho-dezembro de 2004, pp.11-54

SPIVAK, Gayatri C. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

STAM, Robert; VUGMAN, Fernando Simão. *Multiculturalismo Tropical*. São Paulo: EDUSP, 2008.

## **GCV00218 - Laboratório de Criação e Realização Audiovisual I**

Segunda-feira, 14-18h

Professor: Douglas Resende

O curso propõe constituir um espaço para experimentação e desenvolvimento de projetos em cinema documentário, tendo o documentário não como fim necessariamente, mas antes como meio, como método, modos de abordar o mundo a partir de dispositivos para encontros de memórias, corpos, espaços e tempos que reunidos possam produzir sentido e novas subjetividades no presente. Tomaremos como referência a história e as teorias do documentário, para elaborar, continuar, debater propostas de experiências práticas, de modo que as dimensões processual e investigativa da criação sejam exploradas. O curso terá a participação de mais três professores-documentaristas, Reinaldo Caneduto, Karla Holanda e Cezar Migliorin, que irão realizar intervenções ao longo do semestre a partir da visão de cinema de cada um.

### **Bibliografia**

BERNARDET, Jean-Claude. *Cineastas e imagens do povo*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985 / São Paulo: Cia. das Letras, 2003.

\_\_\_\_\_. *Vídeo nas aldeias, o documentário e a alteridade*.

In: Mostra Vídeo nas Aldeias: um olhar indígena. Olinda: Vídeo nas Aldeias, 2006.

BRASIL, André. *Formas do antecampo: performatividade no documentário brasileiro contemporâneo*. In: Revista Famecos Mídia, Cultura e Tecnologia, Porto Alegre, v. 20, n. 3, pp. 578-602, 2013.

CARELLI, Vincent. *Um outro olhar, uma nova imagem*. In: ARAUJO, Ana Carvalho Ziller (org.). *Vídeo nas Aldeias – 25 anos*. Olinda: Vídeo nas Aldeias, 2011.

CÉSAR, Amaranta. *Sobreviver com as imagens: o documentário, a vida e os modos de vida em risco*. In: DEVIRES, BELO HORIZONTE, V. 10, N. 2, P. 1223, JUL/DEZ 2013.

COMOLLI, Jean-Louis. *Ver e poder: a inocência perdida: cinema, televisão, ficção, documentário*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

COUTINHO, Eduardo. *O cinema documentário e a escuta sensível da alteridade*. In: OHATA, Milton (org.). *Eduardo Coutinho*. Cosac Naif: São Paulo, 2013 (pp. 20-46).

DELEUZE, Gilles. *A imagem-tempo*. Trad.: Eloisa de Araujo Ribeiro. [São Paulo: Brasiliense, 1990.](#)

FIESCHI, Jean-André. *Derivas da ficção: notas sobre o cinema de Jean Rouch*. In: DEVIRES, BELO HORIZONTE, V. 6, N. 1, P. 12-29, JAN/JUN 2009.

\_\_\_\_\_. *Jean Rouch ou a vida sonhada*. In: DEVIRES, BELO HORIZONTE, V. 6, N. 1, P. 30-33, JAN/JUN 2009.

GUIMARÃES, César; GUIMARÃES, Victor. *Da política no documentário às políticas do documentário: notas para uma perspectiva de análise*. Revista Galáxia, São Paulo, n. 22, p. 77-88, dez. 2011.

LINS, Consuelo. *O documentário de Eduardo Coutinho: televisão, cinema e vídeo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

MIGLIORIN, Cezar (org.). *Ensaio no real: o documentário brasileiro hoje*. Rio de Janeiro: Azolgue Editorial, 2010.

## **GCV 00165 – Música, Cinema e Audiovisual II**

Quintas-feiras, das 9 às 13h

Professora: Luíza Alvim

Descrição do conteúdo programático

Apresentação da disciplina e de modos de análise de música no audiovisual. Discussão de alguns conceitos básicos para a compreensão do papel da música no audiovisual e suas relações com a imagem, como música diegética e música extradiegética (a partir de textos de Claudia Gorbman); audiovisão, valor agregado e acusmático (conceitos de Michel Chion); *leitmotiv*, repetição e variação. Faremos, então, um percurso ao longo da História do Cinema, considerando as mudanças e permanências nos modos como a música foi pensada nos filmes, com ênfase em algumas cinematografias, como a americana, a francesa e a brasileira, a começar pelo aspecto de *performance* durante o cinema silencioso, incluindo as experiências com partituras feitas especialmente para alguns filmes - como *O encouraçado Potiemkin* (Eisenstein, URSS, 1925) e *Metropolis* (Fritz Lang, Alemanha, 1927). Consideraremos o momento da passagem para o cinema sonoro e experiências dos primeiros filmes sonoros, como *O cantor de jazz* (Alain Crosland, EUA, 1927) e *Sob os tetos de Paris* (René Clair, França, 1930). Será então considerada a consolidação do paradigma de Max Steiner para a música do cinema clássico narrativo, segundo a análise de Claudia Gorbman (1987) sobre o filme *Mildred Pierce* (Michael Curtiz, EUA, 1945) com a teoria de que funcionariam principalmente como “*unheard melodies*”, algo verificável em muitos filmes até hoje. Como contraposição a essa tese, exemplos da mesma época em que a música está no filme para ser audível, como em alguns momentos de *Casablanca* (Michael Curtiz, EUA, 1942). O gênero musical será também explorado como um exemplo em que a música assume o papel principal perante os outros elementos do filme, além de um gênero em que conceitos como “diegético” e “extradiegético” são, muitas vezes, de difícil definição. Apresentando outro modo de pensar a música no cinema, extremamente parcimonioso e indo na direção de cada vez mais só usar música diegética (um dos preceitos que vez por outra é retomado na História do Cinema), apresentaremos as ideias e filmes do cineasta francês Robert Bresson. Seguiremos com outras experiências do uso da música

no Cinema Moderno, como na Nouvelle Vague francesa e no Cinema Novo brasileiro, discutindo o quanto representaram de inovação ou de continuidade da tradição, além das relações com as ideias nacionalistas e identitárias no caso brasileiro. Levaremos em conta a música do cinema da chamada “Nova Hollywood”, especialmente a música de John Williams para a série *Guerra nas Estrelas*, como um “retorno de um sinfonismo”. Consideraremos o conceito de “música de autor” de Claudia Gorbman (2007), aplicável em diretores melômanos do cinema contemporâneo (e mesmo do Cinema Moderno), o que é especialmente interessante para o uso crescente de música preexistente num certo cinema contemporâneo, como no que já foi chamado de “cinema de festival”. Consideraremos, então, alguns filmes de nacionalidades variadas, como de Hong Sang Soo e Wong Kar Vai. A disciplina contará com duas avaliações: prova a ser realizada no tempo de aula e trabalho a ser entregue ao final do curso.

### **Bibliografia básica**

- ALTMAN, Rick. Early Film Themes: Roxy, Adorno, and the problem of cultural capital. In: GOLDMARK, Daniel, KRAMER, Lawrence, LEPPERT, Richard (Org.). Beyond the soundtrack: representing music in cinema. Los Angeles: University of California Press, 2007.
- ALVIM, Luíza; CARREIRO, Rodrigo. Uma questão de método: notas sobre a análise de som e música no cinema. *Matrizes* (Online), v.10, p.175 - 193, 2016. BRESSON, Robert. Notas sobre o cinematógrafo. São Paulo: Iluminuras, 2008. BROWN, Royal. Overtones and undertones. Berkeley: University of California Press, 1994.
- BUHLER, James. *Star Wars*, Music, and Myth. In: BUHLER, James, FLINN, Caryl, NEUMEYER, David (org). Music and Cinema. Hanover: Wesleyan University Press, 2000.
- CHION, Michel. A audiovisualização: som e imagem no cinema. Lisboa: Texto & Grafia, 2011.
- EISENSTEIN, Sergei. A forma do filme. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.
- \_\_\_\_\_. O sentido do filme. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.
- GORBMAN, Claudia. Unheard Melodies: Narrative Film Music. Londres: BFI Publishing, 1987.



- \_\_\_\_\_. Auteur music. In: GOLDMARK, Daniel, KRAMER, Lawrence, LEPPERT, Richard (org.). *Beyond the soundtrack: representing music in cinema*. Los Angeles: University of California Press, 2007.
- HUBBERT, Julie. *The Compilation Soundtrack from the 1960 to the Present*. In: NEUMEYER, David (Ed.). *The Oxford Handbook of Film Music Studies*. Oxford: Oxford University Press, 2014.
- MARKS, Martin. *Music, Drama, Warner Brothers: The Cases of Casablanca and The Maltese Falcon*. In: BUHLER, James, FLINN, Caryl, NEUMEYER, David (org.). *Music and Cinema*. Hanover: Wesleyan University Press, 2000. Mc MAHON, Orlene. *Listening to the French New Wave: the film music and composers of postwar French art cinema*. Bern: Peter Lang, 2014.
- MIRANDA, Suzana Reck. *A clássica música das telas: o uso e a formação do tradicional estilo sinfônico*. Ciberlegenda, 2011.
- ROBINSON, David. *Music of the Shadows - The use of musical accompaniment with silent films, 1896-1936*. Suplemento a *Griffithiana*, n.38-39, out.1990.
- Introduction.
- STILWELL, Robynn. *The fantastical gap between diegetic and nondiegetic*. In: GOLDMARK, Daniel, KRAMER, Lawrence, LEPPERT, Richard (org.). *Beyond the soundtrack: representing music in cinema*. Los Angeles: University of California Press, 2007.
- VIEIRA, João Luiz. *Cinema e performance*. In: XAVIER, Ismail (Org). *O cinema no século*. Imago, 1996.

**Bibliografia complementar:**

ALVIM, Luíza. *A música no cinema de Robert Bresson*. Curitiba: Appris, 2017a.

\_\_\_\_\_. *A música clássica preexistente no cinema de diretores da Nouvelle Vague: anos 50 e 60*. Tese (Doutorado em Música) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2017b.

CHION, Michel. *La musique au cinéma: les chemins de la musique*. Paris: Fayard, 1995.

COSTA, Fernando Morais. *Cinema mudo e passagem para o sonoro*. In: ADES, Eduardo et al (org.). *O som no cinema*. Associação Terra Brasilis, 2008. LOPES, Denílson. Do

entre-lugar ao transcultural. In: \_\_\_\_\_. No coração do mundo: paisagens transculturais.

Rio de Janeiro: Rocco, 2012.

PEREIRA, Carlos Eduardo. A música no cinema silencioso no Brasil. Rio de Janeiro:

Museu de Arte Moderna, 2014.

SÁ, Simone Pereira de; COSTA, Fernando Morais da. (org.). Som + Imagem.

Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.

**GCV00252 – Estudo dos Gêneros Cinematográficos**

Curso: “A comédia cinematográfica brasileira contemporânea”

Sexta-feira, 9h às 13h

Professor: Rafael de Luna Freire

Em geral, comenta-se com frequência sobre o fenômeno do sucesso das comédias no cinema brasileiro contemporâneo, mas raramente se vai além da mera constatação das altas bilheterias alcançadas recentemente por filmes simplesmente associados a esse gênero. Este curso tem o objetivo de se debruçar com mais rigor e atenção sobre esse grupo de filmes já nomeado como

“globochanchadas” (RIBEIRO, 2016) ou “neochanchadas” (FONSECA, 2012), discutindo as relações de semelhança e diferença desses filmes com comédias cinematográficas brasileiras de outros períodos. Ao longo do curso, essas comédias também serão discutidas frente à problematização dos conceitos da teoria dos gêneros cinematográficas ao cinema nacional (FREIRE, 2011).

A intenção é testar a hipótese de uma periodização das comédias cinematográficas brasileiras realizadas desde meados dos anos 1990, a partir da chamada “Retomada do cinema brasileiro”. Provisoriamente, essa periodização seria:

- Primeira fase (1995 a 2000): Testando o gênero
- Segunda fase (2000 a 2004): Entre Xuxa e a comédia romântica adulta.
- Terceira fase (2005 a 2007): Transição.
- Quarta fase (2008 a 2011): Alavancada: Sexo na cabeça.
- Quinta fase (2012 a 2016): Apogeu das comédias.

Diante do grande número de filmes que conforma os gêneros, em geral, e as comédias cinematográficas brasileiras contemporâneas, em particular, o curso testará uma metodologia de análise comparativa baseada na criação conjunta, durante o curso, de um formulário analítico a ser preenchido pelos alunos para cada filme. A partir do recorte de um *corpus* amplo, o objetivo é tentar realizar um diagnóstico mais detalhado e menos especulativo das características estéticas, ideológicas, temáticas e narrativas do conjunto das comédias brasileiras contemporâneas.

**Bibliografia:**

FONSECA, Rodrigo. A era da neochanchada. *O Globo*, 4 nov.

2012.

FREIRE, Rafael de Luna. A idéia de gênero nacional no cinema brasileiro: a chanchada e a pornochanchada. In: FABRIS, Maria Rosaria; SOUZA, Gustavo; FERRARAZ, Rogério (orgs.). *Estudos de cinema e audiovisual Socine*. São Paulo: Socine, 2010.

\_\_\_\_\_. *Carnaval, mistério e gangsters: o filme policial no Brasil (1915-1951)*.

Tese de doutorado – Programa de Pós-Graduação em Comunicação,

Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2011.

ORICCHIO, Luiz Zanin. As comédias que vão além do riso. *O Estado de S. Paulo*, 3 jun. 2013.

RIBEIRO, Márcio Rodrigo. A classe média e a proliferação das “globochanchadas”. *Significação*, v.43, n. 45, 2016.

SCHVARZMAN, Sheila. O cinema contemporâneo brasileiro de grande público e a crise brasileira. *O olho da História*, n. 23, nov. 2016.

VALENTE, Eduardo. Que gêneros são nossos? *Cinema brasileiro anos 2000, 10 questões*. Rio de Janeiro: Centro Cultural Banco do Brasil, 2011.

## **GCV00161 – Cinema e Estética II**

Quinta, 18 às 22h

Professor: Luiz Carlos Oliveira Júnior

O curso examina o estatuto problemático que marca as formas modernas de observação e a decorrente crise na figuração do corpo a partir de meados do século XIX primeiro, no domínio das artes plásticas, sobretudo na pintura, logo mais abarcando o campo da fotografia e do cinema. Da Olympia de Manet às bonecas desarticuladas de Hans Bellmer, passando pela fase cubista de Picasso, firma-se uma estética do corpo como fragmento, provisoriedade, estranhamento e desagregação, culminando em novos registros no cinema, que, já em suas primeiras décadas de existência, traz à tona um corpo em crise, flagrado num novo regime de percepção e expressão, à mercê dos efeitos plásticos e das potências de figuração próprios da imagem temporalizada.

As aulas destacarão alguns momentos críticos de aparecimento do corpo num contexto de reordenação profunda da experiência perceptiva e da subjetividade modernas, regidas cada vez mais por dispositivos ópticos que requerem novas formas de atenção, de sociabilidade, de ordenação do campo visível. Tais dispositivos, criados com finalidades científicas e/ou de entretenimento, contribuem para a emergência, na segunda metade do século XIX, de um novo observador, dividido entre a tendência à dispersão acarretada pela avalanche de estímulos sensoriais e psíquicos que invadem seu quadro existencial cotidiano e a focalização da atenção requerida por certas modalidades de espetáculo visual, que isolam o sujeito do mundo social à sua volta para absorvê-lo na fruição de uma atração fabricada em escala industrial, mas consumida com exclusividade. Interessa ao curso discutir como tais oscilações extremadas da percepção entre o absorto e o difuso, entre o contínuo e o fragmentário, entre o concentrado e o panorâmico implicam novas formas de percepção do corpo e novas formas de expressão da subjetividade.

O cotejo entre cinema e pintura será constante e se dará menos pela análise dos cruzamentos mais óbvios entre as artes (filmes que citam quadros ou que situam pinturas no centro de suas narrativas e estratégias visuais) do que pela questão mais ampla da visão na modernidade, de que cinema e pintura fazem parte como dispositivos distintos. O cinematógrafo começa com Édouard Manet; Lumière é o último pintor impressionista; o famoso axioma de Godard resume a convergência histórica cinema-pintura-modernidade, que nos serve de baliza. Tanto nos quadros tardios de Manet quanto nas primeiras vistas cinematográficas rodadas por Louis Lumière e seus epígonos, expõem-se de maneira conspícua os novos desafios enfrentados pela sensibilidade moderna: o salto nos modos de percepção do tempo e do espaço provocado pelos avanços técnicos, o colapso do modelo clássico de visão, a promoção de uma experiência psicossensorial de choque e superexcitação, a expressão de uma crise subjetiva cada vez menos contornável. O cinema assimila a figura de um novo observador, não mais ancorado e fixo,

mas variável, móvel, ressaltando a dinâmica de trocas psíquicas entre interior e exterior, corpo e ambiente, assim como os processos de fluxo e passagem, captura e dispersão da atenção, que dissolvem a suposta unidade do campo perceptual e desestabilizam as posições tradicionais do sujeito. Assim se constituiu, segundo Jonathan Crary, a condição de possibilidade tanto para a experimentação artística do modernismo quanto para as tecnologias de dominação e de espetáculo de que o cinema e a fotografia seriam inseparáveis nos séculos XIX e XX.

Essa discussão, que visa a inserir o cinema na problemática das artes visuais, já é debatida desde o início do século XX, mas tem sido revisitada de forma intensa desde os anos 1980 e 1990, quando a consolidação de novos suportes como o vídeo e as câmeras digitais determinou uma revisão geral do campo da visualidade.

## **GCV00162 - Estética e Cultura I**

Curso: o ouvir e a construção da escuta no cinema contemporâneo

Quarta-feira, 09h às 13h

Prof. Fernando Morais e Joice Scayone

Os alunos pesquisarão e experimentarão o audiovisual contemporâneo na perspectiva da experiência do ouvir e da construção da escuta. Pensaremos as mudanças na construção de paisagens sonoras, do silêncio, dos atos de fala, no uso da sincronia e da profundidade de campo e qual o ponto de escuta adotado na construção de obras audiovisuais desde a comercialização da "novidade" do cinema sonoro. Relacionaremos obras audiovisuais contemporâneas ao som e à imagem elaborados em outras artes visuais. O que é o cinema contemporâneo? Como é e quais as possibilidades do som nesse cinema (estética, estilística e técnica)?

## **GCV00223 - Estudo do Som no Cinema**

Quinta-feira, 14h às 18h

Prof. Fernando Moraes

Discutir, a partir do crescimento do pensamento sobre o som no cinema iniciado nos anos 1980, as contribuições que a teoria sobre o som pode trazer à teoria cinematográfica contemporânea.

A partir da década de 1980, nomes como os de Michel Chion, Rick Altman, Claudia Gorbman se destacam, na França e nos estados unidos, pelo estudo sistemático do som no cinema. Parte da bibliografia publicada naqueles anos vem se tornando conhecida no brasil. Porém, os autores citados seguem em atividade e, em alguns casos, seus mais novos artigos atualizam conceitos importantes. Chion vem se voltando para o estudo do silêncio como matéria-prima da experiência do cinema. Gorbman passa a dizer que no cinema contemporâneo a música já não é inaudita. Altman segue, em esforços cada vez maiores, reescrevendo a história do cinema a partir das descobertas de formas variadas de sonorização. A fronteira entre diegese e não-diegese parece tornar-se cada vez mais fluida. A música está cada vez mais liberta dos parâmetros clássicos. O silêncio já não distancia o espectador de sua identificação com a narrativa. Novos estudos complexificam a noção de paisagem sonora. No brasil, dossiês recentes dão corpo aos estudos sobre o som no cinema, e pesquisadores fazem a ponte entre o âmbito brasileiro e o que há de novo em outros países sobre os estudos do som no geral e da música em particular.

Pensar textos contemporâneos sobre som e suas relações com demais disciplinas, propor conexões entre filmes de diferentes épocas e o audiovisual contemporâneo.



**GCV00170 – Oficina de Animação I e GCV00256 – Oficina de Animação II**

Sexta-feira, 14h às 18h

Prof. Antônio Moreno ou Daniel Pinna

O programa de 60 horas/aulas será desenvolvido em 15 aulas práticas objetivando a produção/elaboração/finalização de projeto de filme de animação até cópia final. Passando assim pelas fases de pré-produção - projeto (roteiro e storyboard)); produção - animatic e animação de cenas; e pós-produção/finalização - montagem/edição e feitura de cópia final do filme.

## **GCV00246 - Linguagem Cinematográfica**

Curso: Cinema Árabe – Egito

Semana intensiva de 27 a 31 de agosto, 14h às 18h

Prof. João Luiz e Prof. Richard Peña (Columbia University)

Apesar da passagem pelo Egito de vários operadores de câmera a serviço dos irmãos Lumière, além de muitos outros pioneiros, a atividade cinematográfica naquele país só emergiu de verdade a partir da chegada do cinema sonoro. Muito rapidamente, o país tornou-se insuperável no quadro do cinema árabe, exportando amplamente sua produção mundo afora, atingindo diversas comunidades de imigrantes na Europa, Ásia e Américas. O mini-curso intensivo pretende traçar a história e o desenvolvimento do cinema no Egito, desde a fusão da indústria no final da década de 1930 até a ascensão contemporânea de um novo cinema independente e de resistência.

A dicotomia entre um cinema regional e nacional, bem como definições mutantes de *umma* (comunidade) e seu impacto no cinema egípcio serão explorados, além da interação de cineastas egípcios com estilos e abordagens cinematográficas internacionais.